



## **Parto Normal depois de uma Cesárea – A visão do cometa...**

Primeira gestação, parto cesáreo.

Fazia calor naquela tarde de fevereiro. A minha barriga era enorme, parecia uma lua cheia. Aliás, haveria mudança de lua naquele dia, que só fui descobrir depois. Estava, com as pernas inchadas para cima, fazendo os arremates finais nas lembrancinhas que levaria para a maternidade. Ansiedade, medo e esperança se mesclavam na expectativa da chegada do meu primeiro filho. Contava com 38 semanas, o bebê seria grande segundo os exames.

De repente, senti um filete d'água escorrendo delicadamente pelas minhas pernas. Fui ao banheiro, meu coração acelerou-se: a bolsa rompera! Imediatamente lembrei do que falavam no curso de gestantes: “Mantenha a calma, dá tempo para tomar as providências”. Resolvi avisar o meu médico e constatei que poderia esperar algumas horas, em casa mesmo. Só não soube dizer a ele se estava com contrações. Afinal como seriam? Onde ia doer?

A água continuava a escorrer, o bebê dando sinais que queria nascer. Liguei para o meu marido, contando o que estava acontecendo. Ele trabalhava em outra cidade, pedi que viesse devagar, mas no final da tarde precisaria dele conosco.

Não sentia dor, também tinha medo de sentir dor... Fechei a mala, depois de tomar um banho relaxante e de me arrumar. Afinal haveria um encontro!

Enquanto esperava, muitas lembranças vieram me fazer companhia. Toda a trajetória desta gravidez, os cuidados do pré-natal e a alegria de finalmente conhecê-lo encheram o meu coração. Há mais ou menos seis anos atrás tive uma gravidez inesperada. Era o começo do meu casamento e ainda não havia espaço para filhos. O resultado foi um aborto espontâneo por volta do terceiro mês; uma experiência dolorosa. Desta vez tudo parecia favorável. Chegamos à clínica para o primeiro exame, uns tanto ansiosos, comecei a tomar soro para estimular as contrações, uma vez que elas não estavam acontecendo. A expectativa era para um parto normal, mas tudo dependeria de como os acontecimentos iam se desenrolar.

No começo da noite estava instalada num amplo quarto da maternidade. Tive o privilégio de estar acompanhada por uma amiga e uma doula, e isto foi muito importante. Distraíram-me, me encorajaram, me apoiaram. As contrações? Bem, estas apareciam de vez em quando, fracas, tímidas... Os exames de toque foram revelando a falta de dilatação. As horas foram passando, esperamos o quanto pôde, depois disso o bebê correria riscos e isto não valeria a pena. Então, concluímos que uma cesárea seria a melhor alternativa, nestas condições.

O meu marido não passou da porta do corredor para o centro cirúrgico, era o seu limite. Luzes acesas, barulhos de instrumentos, profissionais concentrados; apesar da presença da minha amiga e do meu médico o clima acolhedor ficara para trás. O anestesista fez várias perguntas, disse-lhe que meu tio também era anestesista, para torná-lo mais familiar. Sentei-me e curvei-me para frente e sei que tomei uma injeção, mas não senti nada. Depois fui sentindo menos ainda, minhas pernas adormeceram e percebi que não era mais a protagonista. A situação a partir deste momento era de dependência e passividade da minha parte. Colocava nas mãos da equipe o controle e a condução do nascimento do bebê.

Um painel à minha frente escondia a minha barriga e tudo que eles estavam fazendo. A não ser pela luminária do teto que insistia em refletir e me mostrar algum detalhe lá de baixo. Desviei o olhar, preferindo ouvir os comentários que minha doce amiga fazia.

Até que ouvi um choro, era um lindo bebê, quando encostaram o rostinho dele no meu, disse o seu nome e o quanto era bem-vindo. Ele parou de chorar, parecendo reconhecer a minha voz. Mas logo foi afastado, para os procedimentos de praxe.

Fui para a sala de recuperação, depois para o quarto. Passaram quase cinco horas até que o trouxessem para mim. É incrível, mas sentia saudades... No entanto quando chegou, adormecido, enroladinho no cueiro, parecia um anjo. Emocionei-me, era como se o tivesse ganhado de presente.

As dores e o incômodo vieram depois, conforme o efeito dos sedativos foram passando. Era difícil fazer alguns movimentos, manter o corpo ereto, sentar... Nada que o tempo não possa curar ou a satisfação de ser mãe não compense.

Ouvi algo inesquecível: “Lembra-se de quando você era apenas uma menina e brincava de boneca? Pois é, agora você tem um bebê de verdade para cuidar”.

A Segunda gestação e a experiência de ver o cometa na hora do parto.

Então cuidei, curti, brinquei e aprendi bastante com ele 5 anos, até que o

desejo e a necessidade de outro filho se impôs de forma definitiva. A maturidade traz consigo tranquilidade e também condições de fazer escolhas. Esperei meu período fértil e num dia de inspiração e entrega – engravidei. Acordei na manhã seguinte me sentindo grávida, o que constatei com o exame algumas semanas depois, para alegria de todos. Realmente a mãe de primeira viagem sofre mais, as angústias frente ao desconhecido são intensas. Tudo parecia mais fácil e prazeroso nesta segunda jornada. Na noite de natal, estava com mais de 38 semanas, poderia ter um presépio vivo em casa, mas não aconteceu. Chegou o ano novo e o bebê parecia muito bem acomodado para querer sair. Durante toda a gravidez havia cuidado das questões relativas ao parto, meus medos, minhas fantasias através da análise pessoal. Estava disposta a esperar até que o bebê emitisse os seus sinais. A cada manhã acordava pensando que poderia ser naquele dia e assim o tempo demorava mais para passar. Pelo menos, esta era a sensação regida pela ansiedade.

Numa manhã de segunda-feira, comecei a sentir minha barriga endurecer: uma contração. Elas foram acontecendo de vez em quando. Meu filho e seus avós paternos me faziam companhia, mas para evitar que ficassem assustados me contive. Não disse nada.

À noite quando meu marido chegou, as contrações estavam vindo a cada meia hora. Já havia conversado com meu médico e quanto mais pudesse esperar em casa, melhor.

Mais tarde, fui colocar aquele vestido rosa, bem confortável, que ainda me servia. Carinhosamente me despedi do meu filho, havíamos conversado bastante sobre a chegada do seu irmãozinho.

Fomos direto para a maternidade, por volta das 22:00hs, sentíamos um misto de alegria, medo e esperança. A médica de plantão me examinou, pôde constatar que o intervalo das contrações era de 10 em 10 minutos e estava com dois centímetros de dilatação. Ela me encorajou, dizendo que estava indo muito bem.

No quarto, pude ficar deitada, aproveitava os intervalos das contrações para relaxar, elas foram ficando cada vez mais familiares, previsíveis, então não tinha mais medo delas. A penumbra do quarto, a presença tranquila do meu marido, minhas orações, trouxeram aconchego. Então adormeci.

Passava da meia noite quando a médica voltou para me ver:

“Você está com 4 centímetros de dilatação.” Meu corpo trabalhava, se abria lentamente para que o bebê pudesse passar. A ocorrência de um sangramento, também era normal, a esta altura. Comecei a desejar a presença do meu médico, precisava dele junto comigo.

Como se pudesse me ouvir, ele chegou radiante, elogiando a minha performance; afinal fazia progressos a cada hora. De repente, fui

surpreendida por uma vontade incontrolável de fazer força. Não podia acreditar como o nosso corpo é perfeito! Um rio tem seu próprio curso, as flores desabrocham, os frutos amadurecem e mulheres têm bebês... Quanta sabedoria por trás do óbvio!

Estava com 7 centímetros de dilatação e contrações bem mais fortes, quando tive que tomar uma decisão: Queria ou não anestesia? Se tomasse, não sentiria mais dor, mas o parto poderia demorar mais tempo. Ou, sem anestesia a bolsa poderia ser rompida e o parto aconteceria mais rápido. Confesso que esta é uma hora onde a última coisa que se quer é decidir algum assunto. Mas, fiquei com a segunda opção, a dor era suportável, mas começara a me sentir cansada. Fomos para a sala de parto e tive outra surpresa: além dos médicos, vi também o meu marido de touca e avental. Estavam lindos!

A atmosfera emocional que nos envolvia era de cumplicidade, colaboração mútua, alegria e expectativa. A sala continuava à meia luz, o médico narrava o que acontecia acompanhando as reações do meu corpo. Depois de perceber a contração, fazia força... Nos curtos intervalos respirava, ganhava massagem nas costas, onde doía. Dilatação máxima! Estavam vendo a cabecinha do bebê, coroando e a minha participação era ativa. O Adailton perguntou, se gostaria de ficar de cócoras, mas não sentia forças para levantar, continuei na posição que nunca imaginara para dar a luz: de lado, com uma perna flexionada e a outra segura por mim mesma e depois bem firme nos braços do meu marido.

Uma leve picada com a anestesia local anunciava a episiotomia necessária pela cesaria anterior. Um lençol foi dobrado, como um ninho, e colocado ao meu lado. O bebê ficaria ali, bem pertinho de mim depois que saísse. Fui avisada que na próxima grande contração que viesse deveria fazer toda a força possível. Ela veio chegando como uma grande onda e passou! Depois veio a outra, agora sim, bem forte, ocupando todo o meu corpo, fechei os olhos, coloquei muita força e vi algo impressionante: redondo, colorido mesclado de vermelho e amarelo, com uma cauda dourada, brilhante, passando à minha frente. Um cometa! Fui inundada por uma sensação de calor e ardência, quando ouvi todos dizendo: Nasceu! Choramos, era 4:50h da manhã. Depois de 41 semanas e 3 dias de gestação.

Ele foi colocado carinhosamente ao meu lado, ainda com o cordão umbilical, foi o único que não chorou, seus olhinhos negros, bem vivos me fitavam, estava molhado, era um bebê forte e bonito. Disse-lhe: "Nós conseguimos, parabéns!" Ficamos assim, algum tempo, senti outra contração e fiz força para expulsar a placenta. Depois me ajudaram a descobrir um seio e ele colocou a boquinha para sugar um pouco de colostro. O cordão foi cortado delicadamente, depois que parou de pulsar.

Sentia-me plena, realizada e feliz!

Fiquei ainda na sala para os procedimentos finais, o bebê foi para o berçário. Quando fui para o quarto estava cansada e faminta. Depois de um sono reparador e de me alimentar, sentia um pouco de dor, mas o que mais estranhei foi não ter o corte na barriga.

Quando o bebê veio, seu rosto era bem familiar, não houve surpresa, mas reconhecimento.

Algumas pessoas se surpreendem quando conto que fiz um parto normal, depois de uma cesariana. O mais importante é estarmos disposto para viver a experiência, considerando o estado geral do bebê, as condições físicas e psíquicas da mãe em cada gestação.

Meus filhos me ensinaram a respeitarem os meus limites, todavia sem me acomodar. A vida pulsa pedindo movimento e transformações...como um cometa.

Heliana Garcia.